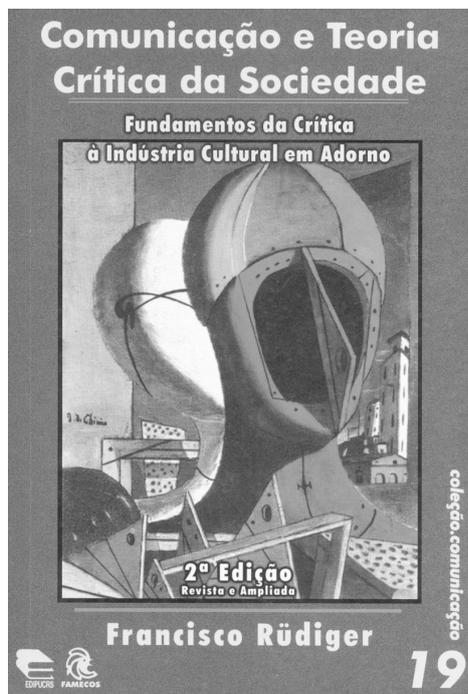
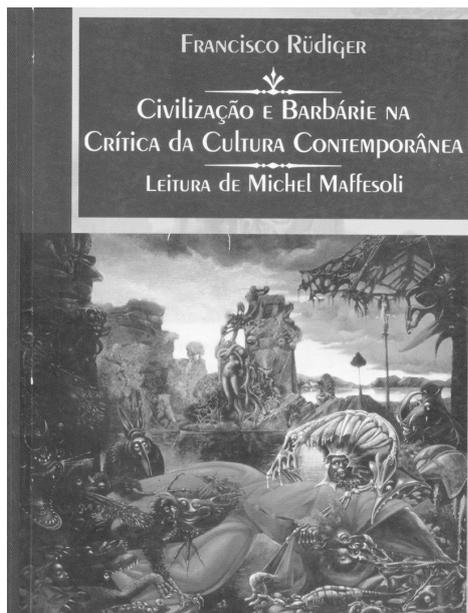


Quem ainda acredita hoje em dia na racionalidade moderna?



Antonio Hohlfeldt*
PUCRS

FRANCISCO RÜDIGER VEM desenvolvendo um constante, profundo e coerente trabalho de produção intelectual, especialmente no campo da comunicação social. Depois de um livro exemplar e ainda hoje em dia utilíssimo, que deveria receber reedição¹, o autor produziu um conciso e objetivo estudo sobre o jornalismo sul-rio-grandense² e, logo depois, sua tese de doutoramento, sobre literatura de auto-ajuda³, ensaio exemplar e pioneiro sobre o tema.

A partir de então, o autor enveredou pelo campo da teoria e da epistemologia da comunicação, produzindo uma primeira versão de um livro sobre teoria social moderna⁴ que, na verdade, constitui o estudo de alguns dos principais paradigmas da teoria da comunicação, que logo ampliou, editando então um volume que já antecipava aquela linha de estudos antes referida⁵.

Posteriormente, em um conjunto apreciável de volumes desenvolveu sucessivas pesquisas em torno do legado da chamada Escola de Frankfurt, dentre os quais Comunicação e teoria crítica da sociedade⁶, cuja segunda edição explicitava sua principal preocupação, a crítica à indústria cultural em Theodor Adorno⁷, passando por um ensaio específico sobre epistemologia da comunicação⁸ e uma discussão sobre as obras de Michel Maffesoli e John Fiske⁹. São dois desses últimos livros, aquele sobre Adorno e o outro, sobre Maffesoli, que vão aqui centralizar minha atenção.

Rüdiger vem-se aprofundando na herança deixada pelos teóricos da Escola de Frankfurt, ainda que menos em relação àqueles pensadores mais

flexíveis e sensíveis às idéias diversas deles mesmos do que quanto àqueles que, a partir do texto paradigmático de 1947, *Dialética do esclarecimento*. Na verdade, Rüdiger tem escolhido a perspectiva de Horkheimer e de Adorno não apenas para interpretá-los e compreendê-los quanto tomá-los como referencial teórico para uma análise crítica da sociedade contemporânea e de suas práticas, em especial quanto à área da comunicação social. Em *Comunicação e teoria crítica da sociedade*, deste modo, o pesquisador revisa todos os referenciais teóricos de Adorno, preocupado fundamentalmente em identificar, diagnosticar e censurar a sociedade de massas e sua conseqüente indústria cultural.

Rüdiger é metódico. Lança mão de bibliografia original, boa parte da qual ainda desconhecida ou apenas parcialmente conhecida entre nós. Como evidencia em livro anterior, *Comunicação e teoria social moderna*, Rüdiger vincula o paradigma crítico frankfurtiano claramente a uma matriz materialista. Naquele livro, reconhecendo que a comunicação deve ser estudada fundamentalmente como processo de generalização simbólica da práxis humana, enquanto mediação mais ou menos universal do modo de produção¹⁰, o autor mostra que, ao valer-se da linguagem, a comunicação é também um veículo ideológico, tornando-se [...] fator de reprodução da estrutura de poder vigente na sociedade (p. 70).

Para Rüdiger, em conseqüência, se a comunicação é fator de interação social, também o é de dominação social, na medida em que a linguagem constitui uma forma generalizada de mediação do trabalho (p. 74), por ser mediada pelas formas simbólicas, que são, por seu lado, produto da história (p. 75).

As tecnologias desenvolvidas sobretudo a partir da segunda metade do século XIX permitiram a complexificação dos processos comunicacionais, tornando os meios de comunicação em uma das

tantas indústrias do mundo capitalista, transformando a informação em produto, do mesmo modo que o divertimento, graças à indústria cultural. Distancia-se Rüdiger, assim, daquela perspectiva mais aberta do Walter Benjamin de *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* ou do futuro Jürgen Habermas da teoria comunicativa que se preocupava, justamente, em ultrapassar o impasse em que a teoria crítica se metera, segundo seu próprio autor, na medida em que à razão instrumental propõe, dialeticamente, a razão comunicativa (p. 80).

No livro de 1999, Rüdiger vai mais fundo na questão. Embora levante e discuta as idéias de Benjamin, Kracauer e Bloch, dentre outros, que expressavam certa expectativa positiva em relação à industrialização, à massificação e às tecnologias de ponta, Rüdiger desenvolve um ensaio com claro viés crítico contra tais conquistas, ainda que reconheça que as críticas à indústria cultural tornaram-se em boa parte fórmulas ocas para contestar um ou outro emprego das comunicações¹¹. Não se afasta, contudo, daquelas idéias centrais que desenvolveram os autores de *Dialética do esclarecimento*, não só quanto à massificação desqualificadora da produção cultural quanto, e sobretudo, ao papel alienante que tais produtos desempenham na sociedade contemporânea.

Neste sentido, o que preocupa Francisco Rüdiger não é encontrar um outro paradigma, como o fez Habermas, mas revisar positivamente a teoria crítica (p. 8). Seu esforço é especialmente interessante porque o autor traz à análise e ao debate exemplos tirados da cotidianidade e da contemporaneidade, referindo produtos muito presentes em nosso cotidiano, permitindo ao leitor mais informado bem avaliar a eficiência de seus argumentos.

Partindo de Nietzsche, Rüdiger admite uma crise da cultura e a tentativa - parcialmente frustrada - de os teóricos frankfurtianos, após a terem detectado, de resgatá-la em sua essência. Reside aqui,

provavelmente, um primeiro, grande e definitivo ponto de polêmica na perspectiva teórica de Rüdiger. Ele admite uma crise da cultura mas não chega a discutir que tipo de crise é esta - à exceção do duplo fato de que ela teria sido produzida pela massificação e que ela levaria à alienação - e muito menos identifica que tipo de cultura é essa, como se a cultura, os processos culturais e os produtos culturais fossem todos absolutamente homogêneos. Essa perspectiva fica especialmente evidenciada no segundo ensaio do volume seguinte, aquele dedicado à obra de Michel Maffesoli, mas no qual, igualmente, analisa, ainda que brevemente, as teorias de John Fiske, quando Rüdiger, em que pese reconhecer a existência de uma cultura popular, na verdade não chega a reconhecê-lhe autonomia e valor específico (na perspectiva de um significado próprio). Assim, Rüdiger coloca-se, de certo modo, conscientemente ou não, naquele mesmo distanciamento que se terminou condenando nos frankfurtianos, em especial aqueles que foram obrigados a exilar-se nos Estados Unidos, sentindo-se agredidos e consternados pelo que assistiam no dia-a-dia de Times Square, nas nascentes emissoras de rádio, nos filmes musicais, nas pesquisas de opinião pública que se multiplicavam, buscando transformar, sim, os Estados Unidos, em uma nação de consumo massivo, única saída para a ainda recente crise dos anos 20-30 que o país atravessara e que a administração Roosevelt tomara como desafio ultrapassar.

Francisco Rüdiger parece esquecer a perspectiva assumida por Edgar Morin, entre as décadas de 50 e 60, mostrando que a tecnologia em si não possui ideologia, e ela pode se desenvolver e permitir a circulação de produtos massivos tanto no mundo capitalista quanto socialista, já que a diferença efetiva de sua influência decorre da própria estrutura social existente e não propriamente dos objetos.

O autor retoma a perspectiva da Dialética do Esclarecimento para

reafirmar que a modernidade prometeu um progresso geral para a humanidade que terminou por engendrar o seu contrário. A tese em si mesma é correta, se a tomarmos na perspectiva daquela obra, referindo-se aos séculos XVII e seguintes. Mas o autor parece concentrar a modernidade exclusivamente no século XIX pós-tecnologias de produção industrial, apontando apenas o lado negativo do que ela produz, sugerindo as alternativas socialistas de novos modos de produção mas jamais chegando, de fato, a esboçar com clareza uma alternativa: não avança para a perspectiva pós-modernista, o que é coerente, e limita-se a propor, como já se indicou, uma revitalização da teoria crítica (logo depois, o Muro de Berlim cairia e, ainda mais adiante, o Talibã desfecharia seu ataque sobre as torres gêmeas de Nova York e, enfim, nesses dias, os Estados Unidos atacariam o Iraque, fazendo reprise de outros atentados anteriores).

Na tradição de Adorno, Rüdiger relativiza a arte moderna sem avançar posição sobre a arte pós-moderna. Lamenta a perda de espontaneidade da arte popular mas, ao mesmo tempo, parece ignorar que um dos grandes culpados foi justamente a apropriação praticada pelos eruditos dessas mesmas manifestações. Para ele, na verdade, a indústria cultural funciona como a propaganda totalitária, quase que desconhecendo o ultrapassamento, há muito, da perspectiva de hipodermia das teorias comunicacionais (que, na verdade, os frankfurtianos, embora por outro viés, de fato revitalizaram). E embora termine por destacar os trabalhos contemporâneos de Dieter Prokop, Fredric Jameson e outros, na verdade seu trabalho vale, sobretudo, por evidenciar que os pesquisadores de Frankfurt não foram assim tão monolíticos e unânimes quanto muitos poderiam pensar, sobretudo quando se abordam tais temas.

No livro que se segue, de 2002, Francisco Rüdiger inverte a tarefa a que se propôs. Se antes ele revalorizara um

paradigma - o de Adorno -, agora ele pretende contestar e eliminar um outro, se possível - o de Michel Maffesoli que, segundo ele, é um pós-moderno, na medida em que valoriza o vitalismo cultural, o hedonismo cotidiano, o sensualismo coletivo, a teatralização das condutas, a ética estetizante, a criatividade popular, etc.¹².

O pesquisador define com clareza seus objetivos e seu campo de combate: é o confronto epistêmico (p. 7), reduzindo-se, pois, ao debate de idéias. Não resistirá, contudo, ao final da obra, especialmente a partir da página 136, a um ataque quase pessoal, na medida em que faz aproximações desclassificadoras do autor estudado e combatido, referindo, inclusive, preconceituosamente, ao futurista (por ser futurista ou por ter sido acusado de facista em certo momento de sua vida?) Marinetti, condenando as modernices contemporâneas e chegando mesmo a classificar Maffesoli enquanto um modernista reacionário, recuperando, assim, expressão de Jeffrey Herf, pressupondo (ainda outro preconceito) de que a República de Weimar, que na verdade permitiu a modernização tecnológica da Alemanha, colocando-a a par de seus vizinhos países, não passou de um ensaio preparador para o nascente nazismo, como se houvesse relação mecânica de causa e efeito.

Maffesoli, assim, é um direitista (p. 138) que a gente tem de engolir [sic!] e que nos leva a uma perigosa aventura moderna [!!!]. Reconhece que o francês estaria correto na radiografia mas equivocado no diagnóstico, sugerindo aqui o quase impossível, separar radiografia e diagnóstico quando, na verdade, o que seria possível era distinguir-se entre a radiografia (ou o diagnóstico) e a alternativa (ou panacéia) (p. 142).

O autor parte do pressuposto de que o paradigma por ele assumido - o da teoria crítica frankfurtiana - é progressista e como tal se opõe à cultura de mercado

(p. 149). Por isso, esmera-se em moderna e criticamente - agora a modernidade já não parece assim tão perigosa (ver p. 16, quando se refere às características da modernidade: racionalidade, historicidade, ideologia e homogeneização) - mostrar os erros, ou melhor, os déficits do que denomina de pré-modernidade arcaica e arcaizante, que caracterizaria o pensamento de Michel Maffesoli, sobretudo quando o pensador francês refere a tendência ao tribalismo e valoriza tal perspectiva, por ser ela irracional e hedonista.

Não tenho dúvida em afirmar que Francisco Rüdiger opera com a maior boa-fé e seriedade intelectuais possível. Ele realmente acredita no que escreve e afirma. O autor precisa continuar imaginando que a razão guarda seu sentido e que pode resgatar o humanismo. Não obstante, o título buscado para seu livro, referindo à oposição entre civilização e barbárie, se, de um lado, pretende a afirmação que a barbárie estaria no pensamento maffesoliniano e pós-modernista contemporâneo, pressupondo que a civilização encontrar-se-ia em outro ponto, não chega a indicar onde. Mais que isso, parece esquecer que a preocupação por este tema, constante nos pensadores frankfurtianos, indica, claramente, que, depois da barbárie nazista, o humanismo não seria mais possível de ser pensado, ao menos, nos mesmos parâmetros de antes. Theodor Adorno, em sua Teoria estética, e Walter Benjamin, em diferentes passagens de seus ensaios, diversas vezes indicaram tal perspectiva. Especialmente Benjamin, ainda sem saber que seria a grande vítima, chegando ao suicídio, que participou ativamente de uma série de iniciativas que buscavam conscientizar a Europa e a Alemanha sobre o perigo autoritário¹³. Ou seja, o que se quer dizer é que não se pode acusar Maffesoli de inventar ou apenas defender determinados valores presentes na sociedade contemporânea. O que me parece ser o objetivo do pesquisador

francês é fazer um inventário, identificar e tentar compreender o que ocorre nos dias de hoje, sem entrar em qualquer juízo de valor, além do mais, sempre relativo, quando aplicado imediatamente no tempo presente, já que só a perspectiva distanciada da história é que permitirá tal valorização. Isso não significaria, contudo, como afirma Rüdiger, que Maffesoli, em sua sociologia compreensiva, esteja a opor-se ao pensamento progressista. Pelo contrário, o que Michel Maffesoli faz, com toda certeza, é desmistificar um pensamento autodenominado de progressista, mas que redundou, ao longo de décadas, dentre outras experiências, em um autoritarismo que não se exerceu apenas política quanto ambientalmente, produzindo uma sociedade autodestrutiva, quer por seus valores ideológicos, quer por suas práticas ecológicas.

A defesa da sociabilidade em Maffesoli (p. 45), expressa através de uma constante teatralidade, não é necessariamente negativista: ela reconhece, na verdade, como já o descobrira Sigmund Freud bem antes, que as pessoas vivem diferentes papéis e experimentam diferentes máscaras segundo as circunstâncias e as necessidades, sem que isso, necessariamente, signifique uma perda ou divisão de personalidade. Não foi Mário de Andrade quem disse ser 365, referindo suas diferentes faces para cada um dos dias do ano? A referência à poesia, contudo, talvez nos ajude a entender a preocupação de Rüdiger: como compreender o contemporâneo apenas pela racionalidade, se a melhor expressão do pós-moderno é justamente a emoção, a irracionalidade poética e artística, justamente aquilo que Rüdiger condena enquanto populista (p. 126), porque pleno de modernices ?

Francisco Rüdiger, com enorme competência, tem procurado resgatar paradigmas e princípios capazes de nortear a sobrevivência do humanismo. Caberia indagar, contudo, se isso será hoje em dia possível. Mais, se é através desse

resgate, justamente, que se consegue resgatar o humanismo ou se, ao contrário, um outro humanismo que emergiu da barbárie daquela II Grande Guerra, e de tantas outras guerras e destruições em massa mais localizadas, mas tão ou mais destrutivas que aquela, dispensa tal perspectiva, exigindo, pelo contrário, uma outra.

Se Rüdiger reconhece ter Maffesoli contribuído significativamente para a compreensão do humanismo quando reconhece que o processo civilizatório deixa resíduos na coletividade humana, por que não pode admitir também o contrário, ou seja, que o processo civilizatório também deixa resíduos de barbárie e que os ultrapassar significa, necessariamente, criar e compreender outros processos que, por sua vez, transformar-se-ão igualmente em novos resíduos, tão contraditórios em sua herança quanto os atuais? Ou seja, por que exigir que as experiências contemporâneas tenham de deixar exclusivamente marcas positivas em seu rastro? Por conseqüência, por que considerar um autor que se preocupa em abordar tais experiências novas como reacionário, direitista (que corresponde a uma desclassificação epistemológica e que, de certo modo, deitaria por terra a própria proposta de Rüdiger, já que não se pode discutir a sério o que não se reconhece como tal) e simplesmente pós-modernista ou pré-modernista irracional, como pretende o ensaísta?

De qualquer modo, ninguém lê um livro de Rüdiger sem envolver-se, sem posicionar-se, sem refletir profundamente a respeito dos temas que ele aborda e desenvolve. Por isso mesmo, e independentemente de concordar ou não com o autor, com o mesmo respeito com que ele se propõe a discutir Maffesoli, deve-se lê-lo e discuti-lo: é um excelente exercício intelectual, que amadurece, põe em xeque nossos próprios valores e, sobretudo, permite-nos um extraordinário exercício de reflexão intelectual .

Notas

* Doutor em Literatura pela PUCRS, professor de Teorias da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da mesma PUCRS.

1 RÜDIGER, Francisco - Paradigmas do estudo da história. P. Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1991.

2 RÜDIGER, Francisco - Tendências do jornalismo. P. Alegre: UFRGS. 1993.

3 RÜDIGER, Francisco - Literatura de auto-ajuda e individualismo. P. Alegre: UFRGS. 1996.

4 RÜDIGER, Francisco - Comunicação e teoria social moderna - Introdução aos fundamentos conceituais da publicística. P. Alegre: Fênix, 1995.

5 RÜDIGER, Francisco - Introdução à teoria da comunicação - Problemas, correntes e autores. P. Alegre: Edicon, 1998.

6 RÜDIGER, Francisco - Comunicação e teoria crítica da sociedade. P. Alegre: EDIPUCRS, 1999.

7 RÜDIGER, Francisco - Comunicação e teoria crítica da sociedade - Fundamentos da crítica à indústria cultural em Adorno. P. Alegre: EDIPUCRS, 2002.

8 RÜDIGER, Francisco - Ciência social crítica e pesquisa em comunicação - Trajetória histórica e elementos de epistemologia. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

9 RÜDIGER, Francisco - Civilização e barbárie na crítica da cultura contemporânea - Leitura de Michel Maffesoli. P. Alegre: EDIPUCRS, 2002.

10 RÜDIGER, Francisco - Comunicação e teoria social moderna, op. cit., p. 64.

11 RÜDIGER, Francisco - Idem, ibidem, p. 9.

12 RÜDIGER, Francisco - Civilização e barbárie na crítica da cultura contemporânea, op. cit., p. 16.

13 Ver, a propósito, a interessante coletânea Documentos de cultura, documentos de barbárie, organizada por Willi

Bole, São Paulo, Cultrix/EDUSP.1986. Título semelhante seria escolhido pelos editores espanhóis para uma outra coletânea, então de Fredric Jameson, reunindo ensaios a respeito de temas semelhantes, ainda que o original falasse em inconsciente político (ver Documentos de cultura, documentos de barbárie, Visor, Madrid. 1989.